



REFLEXÕES SOBRE O POEMA ÉPICO BEOWULF

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3497

Vinicius Tivo Soares, UEM
Jaime Estevão dos Reis, UEM

Resumo

Esta comunicação tem por objetivos discutir algumas hipóteses sobre a origem de Beowulf. Dentre as várias possibilidades de estudo desse poema épico (ca. 1000?), nossas investigações iniciais apontam para a necessidade de se saber primeiramente quem é o personagem Beowulf, retratado como um guerreiro Geat no poema. A questão da identificação do personagem central que dá nome ao poema é, entretanto, objeto de discussão entre os historiadores que têm se dedicado à temática. A prova disso é a variedade de estudos referentes ao poema com interpretações diferentes. Podemos seguir as grandes teorias que definiram os seus estudos na atualidade, como a geografia de Klaeber (1922) que é considerada, por muitos, uma das mais confiáveis. No entanto, é importante ressaltar que ela não é a única: o próprio Klaeber apresenta outras teorias no seu livro, apontando, por exemplo, questões mitológicas sobre o personagem. Cada teoria possui uma defesa historiográfica forte, já que a falta de outras documentações referentes ao período no qual o poema se passa interfere na forma de se compreender o período. Isso permite que a liberdade de estudo do poema se expanda cada vez mais, desde que trabalhada e explicada. Podemos citar outros autores que também desenvolvem algumas teorias: Sivert N. Hagen (1904), Grudmund Schütte e Henrik Schück. (1912), Richard North (2006).

Palavras Chave:

Origens; Poema;
Beowulf.

Introdução

Este estudo tem como intenção estudar o poema *Beowulf*, o qual se encontra no museu britânico¹, escrito completamente em um inglês antigo², numa divisão de 43 *fitts*³ (MEDEIROS, 2006). A primeira tentativa de um estudo do poema *Beowulf* surge no séc. XVIII, com a transcrição do manuscrito original do poema para um novo papel, feita pelo historiador islandês Grímur Jónsson Thorkelin (1752-1829), desenvolvendo dois manuscritos (conhecidos como Thorkelin A e B) e os publicando em 1815.

Sua composição resulta em 3182 versos em sua forma de escrita original na qual, numa leitura inicial, pode ser dividida em duas partes: a primeira consiste nos feitos de *Beowulf*, que nos permite fazer um recorte do poema em três segmentos, e a segunda parte consiste de seu reinado até sua morte (KLAEBER, 1922).

A primeira parte na qual são apresentados os três principais feitos de *Beowulf* num período anterior ao seu reinado, nos permite dividir o poema em três seções, cada uma referente a um feito “central”: a primeira apresenta o propósito da viagem de *Beowulf* para a Dinamarca até e a batalha com o primeiro monstro, *Grendel* (versos 1-924); a segunda parte narra o ataque da mãe de *Grendel* à *Heorot* até a eliminação daquela

no pântano (versos 925-1887); a terceira parte é referente ao retorno de *Beowulf* a *Heorot* e o relato de toda a batalha a *Hrothgar*, rei dos *Scyldings*, onde o mesmo presenteia *Beowulf* com diversos favores e anéis (versos 1888-2199) (KLAEBER, 1922).

A segunda parte tem como foco o retorno de *Beowulf* à sua terra natal, lar dos *Geats*⁴. Essa passagem se inicia com a narração da morte de *Hrethel*, avô e rei de *Beowulf*, e de *Heardred*, primo de *Beowulf* e filho de *Hygelac*, predecessor de *Beowulf*. É importante ressaltar que a história da morte de *Hrethel* e *Heardred* é apresentada em diversos momentos da narrativa, parte da guerra dos *Sveas* vs *Geats*⁵. Com isso, o trono passa para *Beowulf*, que reina por cinquenta anos com muita fartura e prosperidade. Porém um escravo fugitivo encontra uma caverna cheia de tesouros e acorda um dragão que força *Beowulf* a entrar numa última batalha. *Beowulf* e o Dragão morrem devido ao combate e, logo, durante o enterro de *Beowulf*, *Wiglaf* faz um discurso funerário onde prevê o fim dos *Geats* (KLAEBER, 1922).

No entanto, o estudo do poema não é simples haja vista as dificuldades de sua tradução. O inglês arcaico, ou inglês antigo, apresenta diversos termos que são exclusivos para sua escrita, como os

1 O poema se encontra totalmente digitalizado, em sua versão original e pode ser encontrado no site oficial da biblioteca do museu: http://www.bl.uk/manuscripts/Viewer.aspx?ref=cotton_ms_vitellius_a_xv_f094r

2 Essa definição segue uma classificação mais separatista da história da Inglaterra, ou seja, o termo inglês antigo, ou “*old english*” é usado quando se considera que a história do período pós 1066 tem alguma relação com a do seu período anterior. Já o termo “anglo-saxão” parte da ideia que houve uma separação da sua história. (SANDERS, 2005)

3 *Fitts* é um termo do inglês antigo que significa “canção” ou “poema”. Ao dizer que o poema *Beowulf* possui 43 *fitts*, Medeiros, a partir de Mitchell e Robinson (1998), significa que ele

possui 43 “seções” de temática. Por exemplo: *Beowulf* chega à costa da Dinamarca, linhas 195-230, e ocorre uma pausa na narrativa. Em seguida, o poeta continua e narra a intervenção do guarda da costa, linhas 231-320, assim por diante.

4 Uma das principais questões discutidas pelos historiadores que estudam o poema é a origem e quem são os *Geats* do poema. Para evitar conflitos durante esse trabalho, o termo só será traduzido quando houver a necessidade de explicação específica, como expor uma teoria referente a quem é *Beowulf* (personagem).

5 Em referência as tribos dessa guerra, apenas o *Sveas* se tem certeza e não existem diversas teorias sobre quem são eles. Por esse motivo resolvi não apresentar uma tradução, por hora, e usar o termo do poema.

kennings⁶. Outros exemplos, citados por Frederick Klaeber (1922) e Michael Alexander (1973) são termos como “battle-light” (luz de batalha), representando sword (espada) ou “the sky’s candle” (Vela do céu) e “heaven’s jewel” (Joia do céu) representando o sun (sol).

Além da dificuldade de tradução, a forma que o poema é escrito torna-se ainda mais complicado. Ele se encontra numa constante mudança entre a “realidade histórica” e a liberdade artística do poeta. Robert. T Farrell descreve esse fenômeno da seguinte maneira:

Beowulf é um trabalho de história heróica, isto é, um poema em que fatos e cronologia são subordinados ao interesse do poeta em ações heróicas e seu valor em representar a ética de uma civilização heróica. Um poeta escrevendo neste modo não ignora o fato histórico absoluto, isto é, a história como a conhecemos. Ele prefere vê-la como menos importante do que outras considerações⁷ (...). (FARRELL, 1972, p. 229)

Essa realidade histórica é conflituosa por ficar aberta a compreensões divergentes dependendo de quem analisa as fontes. É importante ressaltar que a maioria das fontes referentes ao período mencionado surge com o auxílio da arqueologia funerária e

de registros de outros povos que apenas tiveram um pequeno contato com a cultura nórdica (WILSON, 1980). David M. Wilson, historiador britânico, deixa claro ao se referir às fontes encontradas na região:

Existem poucas fontes históricas referentes à Escandinávia sobre o período de Migração, sendo que a grande maioria que sobreviveu são referências encontradas em fontes Mediterrâneas, Francesas e Anglo-saxônicas, muitas vezes nada mais que a menção de uma tribo ou um chefe tribal. (WILSON, 1980, p. 65).⁸

Essas referências feitas por outras obras podem ser exemplificadas, pela morte de Hygelac, senhor de Beowulf, que é relatada pelo bispo Gregório de Tours na História Francorum⁹, durante uma invasão aos francos, conforme explica Robert William Chambers: “Gregório de Tours menciona a derrota de Chochilaicus⁹ (Hygelac) como um evento do reinado de Theudoric¹⁰ (1921, p. 381). Ou então o conflito entre os Half-danes¹¹ e os frisios, mencionada nas linhas 1069-1159, que pode ser encontrado no Fragmento de Finnsburgh¹².

Logo, por nos permitir desenvolver um conhecimento pré-cristão e pré-literário¹³ (ALEXANDER, 1973) e

6 [...] uma espécie de metáfora primitiva, muito usada pelos poetas do período Anglo-Saxônico da literatura inglesa.” (GALVÃO, 1992, p. 27).

7 Beowulf is a work of heroic history, i.e a poema in which facts and chronology are subservient to the poet’s interest in heroic deeds and their value in representing the ethics of an heroic civilization. A poet writing in this mode does not disregard absolute historical fact, history, that is, as we know it. He rather sees it as less important than other considerations (FARRELL, 1972, p. 229)

8 There are a few historical sources for Scandinavia in the Migration Period, all that survive are incidental referents in Mediterranean, Frankish and Anglo-Saxo sources, often little

more than a reference to a tribe or its chief. (WILSON, 1980, p. 65)

9 Versão em latim do nome Hygelac.

10 “Gregory of Tours mentions the defeat of Chochilaicus (Hygelac) as an event of the reign of Theudoric”

11 A tradução de Half-dane implica, neste momento, na escolha de uma das possíveis tribos que caracterizam esse povo, ato não pertinente no momento, por isso a tradução não será feita.

12 O fragmento foi perdido, restando apenas cópias feitas pelos estudiosos. (ALEXANDER, 1973, p. 153)

13 Seus elementos históricos somados com suas histórias, mitologias, personagens, localidade,

ser uma das poucas fontes escritas referentes a um período quase desconhecido na história da Escandinávia (400 d.C – 600 d.C), estudar o poema se torna algo imprescindível para conhecer a sociedade que busca retratar.

O personagem Beowulf e suas possíveis origens

O contexto de produção do poema é discutível e apresenta inúmeras suposições: a Northumbria, durante os séculos VII-VIII com a influência do Venerável Beda; Mercia, durante o fim do reinado de Beornwulf; Anglia Oriental, pelas ligações e semelhanças com o sítio arqueológico de Suttun Hoo; Wessex, com o governo de Alfredo, o Grande entre outras.

A semelhança que todos possuem, no entanto, é importante: todos estão diretamente ligados aos conflitos causados pelas invasões vikings¹⁴ na Europa Ocidental nos séculos VII-XI. As invasões marcam o momento em que a Europa sofre modificações nas bases de sua estrutura social, política, cultural, comercial e religiosa. David M. Wilson descreve tal momento como

Os vikings foram um dos fenômenos mais notáveis que surgiram na cena europeia. De repente, aparentemente do nada, ondas de invasores apareceram ao longo do litoral da Europa Ocidental. Como descreve Alcuíno de Iorque, "Nunca antes", escreveu Alcuin, o principal estudioso da Europa, em 793, "esse terror apareceu na Grã-Bretanha como agora sofreu com uma raça pagã, nem pensou que tal maldade vinda

do mar pudesse ser feita (...)" (WILSON, 1980, p. 1).

Toda produção cultural foi afetada. Os povos invasores, que depois de algum tempo foram, em sua maioria, cristianizados, tiveram suas histórias heroicas e de seu povo relatadas de diversas maneiras, como, possivelmente, o poema Beowulf. Beowulf pode ser visto, portanto, como um resultado complexo de um momento marcante na Europa Ocidental (NORTH, 2012).

Entretanto, grande parte da produção cultural dos séculos VII ao XI era de autoria de monges e de uma aristocracia que se interessava pela produção e não pelo autor. Sendo assim, como comenta Frederick Klaeber (1922), "Como quase todos os poemas escritos em inglês antigo, assim como outros épicos como a "Canção de Rolando" ou a "Canção dos Nibelungos", Beowulf apresenta um autor anônimo" 15 (KLAEBER, 1922, p. civ).

Jorge Luis Borges (2006) comenta a importância de se entender o conflito cultural, e principalmente religioso, no qual o poema foi produzido. Um grande conflito entre os deuses pagãos, neste caso, os deuses nórdicos, e o cristianismo europeu do momento. O público ainda possuía lembrança dos deuses antigos, mas não era permitido, perante a sociedade, um louvor aos mesmos. O autor

não podia, guardado ao decoro da época, falar elogiosamente dos deuses pagãos. (...) Somente no século XVII, quase dez séculos depois, vemos Góngora falar tranquilamente e sem problemas dos deuses pagãos. [O autor de

tribos, monstros, deuses, conflitos, cultura, referencia as sagas, festas, funerais, outras histórias etc. formam um poema extremamente importante para compreender a região da Escandinávia como um todo.

14 A escolha do termo generalizado de vikings se deve ao fato de, no momento, não haver a necessidade de desenvolver quem invadiu as

regiões mencionadas, mas sim a *ideia da invasão nórdica na Europa ocidental como um todo.*

15 "Like nearly all of the Old English poems, like the epics of the Chanson de Roland and the Nibelungenlied, the Beowulf poem has come down to us anonymously (KLAEBER, 1922, p. civ)

Beowulf] tampouco podia falar, em seu intento, de Cristo ou da virgem (BORGERS, 2006, p. 14).

Além de sua origem ser incerta, o poema apresenta uma complexidade de conteúdos que gera diversas teorias e formas de compreender os fatos desde suas primeiras traduções, sendo a primeira feita por Gruntvig, historiador dinamarquês, em 1820. Tal complexidade é nítida ao se comparar os primeiros comentários sobre o mesmo, como W.P. Ker em sua obra *The dark Ages* (1904):

Uma visão razoável do mérito de Beowulf não é impossível, embora o entusiasmo da restauração possa ter feito muito disso (...). O herói está ocupado em matar monstros, como Hércules ou Teseu. Mas há outras coisas nas vidas de Hercules e Theseus além do assassinato de Hydra ou de Proustes. Beowulf não tem mais nada a fazer. (...) É muito simples. (...) A coisa em si é barata¹⁶. (TOLKIEN, 1936, p. 1087-108 apud W. P. Ker, 1904, p. 252-253).

E confrontar com comentários de obras que moldam todo um estudo ligado ao poema, como Chambers (1921) e Kleber (1922), “responsável por uma das edições mais famosas do poema” (MEDEIROS, 2006, p. 39). A visão sobre a obra sofre uma mudança drástica com o artigo de John Ronald Reuel Tolkien (1936), que critica fortemente¹⁷ a visão desenvolvida até então pela grande

maioria dos historiadores no final do século XIX e início do século XX.

Tolkien destaca e valoriza o poema como um todo, principalmente o seu significado para a compreensão da história das tribos da Escandinávia e sua cultura (MEDEIROS, 2006). Seu impacto pode ser visto no trabalho de Michael Alexander (1973), ao comentar sobre a importância do poema:

Beowulf é o primeiro grande poema em inglês a sobreviver o processo de transição das histórias orais para literatura: é o começo da literatura inglesa. (...) [o poema] é o único poema completo escrito em Old English (Inglês Antigo). É, então, um documento de importante interesse sobre questões filosóficas, culturais e históricas – assim como literária – e “vale a pena estudar¹⁸”¹⁹. (ALEXANDER, 1973, p. 9-10)

Entretanto, os estudos sobre diversas informações do poema e as informações embutidas nele são discutidas até os estudos atuais e dificilmente chegam a uma conclusão aceita por todos os historiadores, como quem exatamente são as tribos, região, personagens, etc. Portanto, uma revisão documental e avaliativa dos estudos realizados sobre o poema é pertinente. Uma dessas questões em destaque é o questionamento de quem exatamente é o personagem Beowulf, foco dessa comunicação.

Estudos sobre o personagem

16 “A reasonable view of the merit of Beowulf is not impossible, though reash enthusiasm may have made too much of it (...).The hero is occupied in killing monsters, like Hercules or Theseus. But there are other things in the lives of Hercules and Theseus besides the killing of Hydra or of Proustes. Beowulf has nothing else to do. (...) It’s too simple. (...) The thing itself is cheap.” (TOLKIEN, 1936, p. 1087-108 apud W. P. Ker, 1904, p. 252-253)

17 Cita frases como “[...] [o poema] é produto de uma educação que veio com a cristianização [dos países nórdicos], é uma narrativa fraca e incompleta” (TOLKIEN, 1936, p. 106) e depois,

durante toda a obra, desenvolve o porquê se deve ter um estudo mais aprofundado sobre o poema.

18 Michael Alexander faz referência a frase encontrada no artigo escrito por Tolkien (1936), considerado por muito um ponto de partida importante para o estudo do poema.

19 19 “It happens that Beowulf is the only long heroic poem to survive complete in Old English. It is therefore a documento f prime philological, cultural and historical – as well as literary – interest, and is eminently – cita Tolkien – “worth studying” (ALEXANDER, 1973, p. 10)

Beowulf apresentam um grande conflito de opiniões por tomarem caminhos diferentes de análise do poema, como Silvert N. Hagen (1904), Gudmund Schütte (1912), Klaeber (1922), Sam Newton (1993) e Richard North (2006) que chegaram a conclusões completamente diferentes sobre a origem do personagem. Todos apresentam uma forte defesa historiográfica de suas conclusões.

Considerações finais

O poema Beowulf tem sido fonte de estudos há mais de dois séculos desde sua primeira tradução e ainda assim, como visto, sua complexidade permite que novos trabalhos sejam desenvolvidos. Sua importância historiográfica não pode se limitar aos fatos nele expostos. O poema em si é muito mais instigante do que, num primeiro olhar, aparenta ser.

Beowulf, na opinião de Elton O. S. Medeiros, “é uma quimera”. (MEDEIROS, 2006, p. 29). Seus elementos históricos somados às suas histórias, mitologias, personagens, localidade, tribos, monstros, deuses, conflitos, cultura, referência às sagas e outras histórias heroicas, formam um poema extremamente importante para compreender a formação heroica de um período praticamente desconhecido literariamente, a Escandinávia em seu período de ouro, o Período Vendel, além da própria formação das tribos que formaram a região da Escandinávia como um todo.

A pesquisa, que se encontra fase inicial de desenvolvimento, tem como objetivo realizar um mapeamento do poema Beowulf. Procuraremos entender o contexto histórico e geográfico representado no poema, isto é, a Inglaterra Anglo-saxônica e a região da atual Escandinávia; refletir sobre a autoria, origens e contexto da elaboração do poema, bem como analisar suas

características literárias, ou seja, o gênero do poema e sua inserção na literatura da época.

Referências

- ALEXANDER, Michael. **Beowulf**: a verse translation by Michael Alexander. London: Penguin Classics, 1973.
- BORGES, Jorge Luis, **Curso de Literatura Inglesa**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CHAMBERS, Raymond Wilson. **Beowulf an introduction to the study of the poem with a discussion of the stories of Offa and Finn**: Cambridge: Cambridge University Press, 1921.
- FARRELL, R, T, **Beowulf**: Swedes and Geats. Viking Society of Northern Research, 1972.
- GALVÃO, Ary Gonzalez. **Beowulf: Tradução, introdução e notas de Ary Gonzalez Galvão**. São Paulo, Editora Hucitec, 1992.
- HAGEN, Sivert N. Classical Names and Stories in the Beowulf Source. **Modern Language Notes**, v. 19, n. 3/4, 1904.
- KLAEBER, Frederick, **Beowulf and the fight at Finnsburg**, D. C. HEATH & CO., PUBLISHERS, 1948.
- MEDEIROS, Elton O. S. **O rei, o guerreiro e o herói**: Beowulf e sua representação no mundo germânico. São Paulo, 140 p. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo, 2006.
- NEWTON, Sam, **The Origin of Beowulf and the pre-Viking kingdom of East Anglia**. U.K: St Edmundsbury Press, 1993.
- NORTH, Richard. **The Origins of Beowulf**: from Vergil to Wiglaf Oxford: Oxford University Press, 2010.
- _____, **Beowulf & Other Stories: a New Introduction to Old English, Old Icelandic and Anglo-Norman Literatures**, **Pearson Education Limited**, 2nd ed, 2012.
- SCHÜTTE, Gudmund, The Geats of Beowulf. **The Journal of English and Germanic Philology**, v. 11, n. 4, 1912.
- TOLKIEN, J. J. R. Beowulf: The monsters and the Critics. **Proceedings of the British Academy**, UK, 1936.
- WILSON, David M. **The Vikings and their Origins**. Great Britain: Nationwide Book Service, 1980.